

ARTIGO DE OPINIÃO:

# A COMUNICAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

## COMMUNICATION IN TIMES OF A PANDEMIC

### Autor

Luís Baptista-Martins - Jornalista, Diretor do Jornal O INTERIOR

### E de repente um vírus mudou as nossas vidas.

Identificado na cidade de Whuan (província de Hubei, na China), o novo coronavírus SARS-CoV-2 provocou as primeiras infeções na Europa em janeiro de 2020. Depois, a pandemia alastrou por todo mundo, de forma apressada, surpreendente, impressionante, tendo originado dezenas de milhões de infetados e mais de um milhão de óbitos.

O relativo desconhecimento científico e o ritmo da sua propagação, e as graves consequências na saúde, geraram alarme e medo à escala global. O mundo parou, em pânico, perante a espiral de contágios.

A 2 de março de 2020 foram confirmados em Portugal os dois primeiros casos de infeção pelo novo coronavírus. Desde esse momento até hoje, foram notificados em Portugal mais de 800 mil casos e o número de mortos supera já os 16.500.

O primeiro estado de emergência seria decretado a 18 de março e, de então para cá, nunca mais recuperámos a normalidade.

De repente ficámos encerrados em casa. Vimos as cidades vazias. Deixámos de viajar. Os aviões ficaram em terra. As escolas fecharam. As crianças deixaram de ter onde brincar. A “telescola” regressou e as aulas passaram a ser digitais. Os turistas desapareceram, os hotéis ficaram vazios, só a construção civil e os transportes continuaram a trabalhar “no duro”! Os

restaurantes arruinaram-se, entre a “comida para levar” e o fecho por confinamento. Ainda houve vendas ao postigo, mas as lojas de rua fecharam as portas e os centros comerciais também – excetuando os supermercados, os “estabelecimentos indispensáveis”, das farmácias às lojas de ferramentas... Todos ficámos presos à Internet e o trabalho à distância entrou definitivamente nas nossas vidas.

Viver nas grandes cidades deixou de fazer sentido, quando podemos trabalhar desde casa no mais recôndito dos locais. Os professores tiveram de voltar a aprender. As fronteiras foram fechadas. E as liberdades foram cerceadas. Houve quem perdesse rendimentos, quem perdesse negócios, quem perdesse o emprego, ... Vidas adiadas, sonhos esquecidos, tristeza e pavor nos rostos escondidos por trás de máscaras obrigatórias e protetoras.

E chegaram as vacinas. Com circo inusitado, políticos engalanados, prioridades absurdas e oportunistas a saltarem a fila para serem vacinados – enquanto os idosos morriam à espera da sua vez (os mais jovens podiam ter esperado!).

Do “milagre” (o pânico) da primeira fase em abril de 2020 ao caos de janeiro de 2021, entre o relaxamento natalício, o frio, as presidenciais, a ajuda internacional, e de novo o confinamento “agressivo”...

De melhores da Europa a piores do mundo e de novo os melhores do continente foram 12 meses de dúvidas, angústias, medo, dificuldades, ruína económica, crise sanitária, solidariedade, falta de apoios e ziguezagues.

Se há um ano alguém dissesse que uma pandemia poderia parar o mundo seria apelidado de louco. E o mais extraordinário é que há um ano ninguém ousaria pensar que poderíamos sobreviver a um ano assim! Mas sobrevivemos! Sobrevivemos à tragédia que foi o pior ano das nossas vidas. A vida já não é o que era; nem vai voltar a ser!

## O regresso da Imprensa

Um ano e milhares de mortos depois sabemos que o mundo mudou. E sabemos que algumas das mudanças provocadas ou determinadas pelo novo coronavírus Covid-19 são definitivas.

A digitalização generalizada sofreu uma verdadeira revolução que influenciará a forma de vida da sociedade a partir de agora. Mais do que uma mudança de paradigma, será uma nova sociedade de informação e conhecimento, de novas relações sociais e laborais, de uma nova economia e de um mundo em rede que se irá relacionar de forma diferente no pós-pandemia.

A Comunicação Social teve de se adaptar à pandemia e muita coisa mudou na sua forma de trabalhar.

As máscaras passaram a ser um novo normal na sociedade e a serem incluídas na indumentária obrigatória de qualquer jornalista.

As conferências de imprensa passaram a ser feitas à distância, com perguntas muitas vezes apresentadas por “porta-vozes”, outras vezes por mail ou por SMS. As plataformas digitais irromperam na sociedade e passaram a ser uma constante no trabalho jornalístico e a transmissão em streaming passou a ser incluída em todos os trabalhos de cobertura noticiosa.

Com o estado de emergência a liberdade foi cerceada, mas, ainda que mais dependente das autoridades, o direito à informação e a liberdade de expressão e de informação foram asseguradas. Os jornalistas passaram a ter mais dificuldade de movimentos, pois, em tempo de restrição de deslocações, também as “visitas” às fontes, que

podem estar no mesmo concelho ou em outro, ficam confinadas – em compensação, o recurso à Internet permite e facilita o contato com protagonistas, dirigentes ou “fontes oficiais”: todos passámos a estar à distância de um clique. Os comentadores e analistas passaram a “entrar” via Skype em vez de irem ao estúdio, as conversas e as entrevistas passaram a ser online, a tecnologia foi adotada em todas as suas dimensões.

Ao mesmo tempo, as pessoas sentiram necessidade de estar constantemente informadas. Como em poucos momentos da história contemporânea, o cidadão sentiu necessidade de estar atento às notícias e informado sobre contágios, locais com mais infeções ou a resposta médica à pandemia. A informação sobre o SARS-cov-2 ou a investigação do novo coronavírus ou o desenvolvimento de uma vacina levou a que a generalidade das pessoas estivesse sempre atenta aos telejornais, aos blocos de notícias nas rádios, à explicação dos jornais e de forma mais intensa, rápida e constante à informação veiculada nas plataformas digitais: nos sites de notícias e nas redes sociais.

A generalidade dos meios, e em especial os jornais digitais, tiveram um crescimento de audiências extraordinário. Como exemplo, o site do Jornal O INTERIOR (ointerior.pt) teve em 2020 1,2 milhões de utilizadores, mais 55,1% que em 2019. E no dia 22 de março ointerior.pt teve 56.020 utilizadores, no seguimento de dias de crescimento constante e exponencial, depois de ter sido confirmado o primeiro infetado com o novo coronavírus na Beira Interior (no dia 17 de março - <https://ointerior.pt/sociedade/covid-19/confirmado-primeiro-caso-guardense-com-coronavirus/>).

Apesar da intromissão das fake news, que alteraram em muitos momentos a perceção e o entendimento sobre a realidade de um contexto pandémico, a imprensa digital séria impôs-se e conquistou a generalidade das pessoas que passaram a estar muito mais alerta e informadas, em primeiro lugar com a informação partilhada nas edições digitais em mobile (smartphones) e nas partilhas nas redes sociais.

Esta nova dimensão dos media obrigou a repensar a forma de trabalhar dos jornalistas e editores, mas também a promover uma nova energia e dinâmica de produção de conteúdos, mais rápida e sucinta, com mais infografia e imagem.



Por outro lado, a comunicação passou a ter um nível de exigência mais alto e passou a ser feita de forma mais assertiva e clara, sem ziguezagues e informações dúbias.

Como se lia no jornal Público, de 9 de novembro de 2020, «o Governo português e a Direção-Geral da Saúde não souberam falar com os portugueses e isso teve impacto na pandemia». O jornal cita, nomeadamente, Tiago Correia, professor de Saúde Internacional e investigador sénior no Global Health and Tropical Medicine, do Instituto de Higiene e Medicina Tropical da Universidade Nova de Lisboa, que considera que «só se alterarmos o comportamento das pessoas é que conseguiremos evitar um novo confinamento. Temos de conseguir dialogar com as pessoas, a consciencializá-las. Não é responsabilizá-las, é consciencializá-las».

Mas, em Portugal, demorou algum tempo até que os governantes percebessem essa necessidade. Muitos responsáveis a intervir publicamente, muitos governantes a emitirem diferentes posições e diversas formas de atuar perante a pandemia contribuíram para uma enorme dispersão de notícias, por vezes contraditórias, e um relaxamento generalizado da população. Em consequência, para além de outras razões, em janeiro de 2021 a pandemia em Portugal estava completamente descontrolada e foi necessário decretar um novo confinamento “agressivo” e a declaração de mais um período de estado de calamidade.

Neste novo confinamento, em que fomos os “piores do mundo”, finalmente se percebeu que a comunicação era determinante no combate à pandemia e o Primeiro-ministro, António Costa, concentrou a informação e divulgação de medidas. Um estudo, realizado por investigadores de três universidades portuguesas e um centro de investigação (as universidades do Minho, de Coimbra e a Católica e o Cintesis, apresentado a 9 de março de 2021), revelou que a cobertura noticiosa intensa contribuiu decisivamente para o sucesso do primeiro confinamento em Portugal. Ou seja, o jornalismo provou a sua relevância no combate à pandemia e, segundo o estudo, no segundo confinamento (2021), a comunicação intensa na Comunicação Social foi decisiva para impedir o aumento de contágios.

Este estudo, coordenado por Felisbela Lopes, da Universidade do Minho, conclui que «o jornalismo tem sido um meio de combate eficaz à pandemia» e que sempre que os jornais aumentavam a cobertura noticiosa sobre a pandemia, a infeção diminuía de intensidade – houve menos notícias sobre os contágios e as consequências do Covid-19 na época natalícia e no período de campanha eleitoral e eleições para a Presidência da República e esse foi o período de maior crescimento de contágios. Segundo Felisbela Lopes «ao despertar de novo para a pandemia (segunda quinzena de janeiro de 2021) e ao aumentar a pressão noticiosa, o jornalismo levou a uma atitude mais pró-ativa da população».

A comunicação, em todas as suas dimensões, tem sido de extraordinária relevância. Tanto do lado das instituições, o saber divulgar e comunicar assertivamente, como do lado da imprensa, “trabalhar” e informar de forma responsável e séria, tem sido determinante no sucesso das medidas de combate à pandemia. Como escreveu Carlos Fiolhais, «por mais danos que possam causar na humanidade, todas as epidemias são temporárias».

Mas, entretanto, e muito para além do avanço científico ou das consequências sanitárias e das mortes e sequelas da pandemia, a comunicação mudou radicalmente, os suportes digitais duplicaram a sua audiência e a imprensa no seu todo recuperou a sua relevância.

O mundo é hoje profundamente diferente, desde logo no plano de uma intensa comunicação de massas, própria da sociedade em rede (Castells, 2002) em que vivemos imersos, e da consequente facilidade de interação dos cidadãos, com novas potencialidades de pronunciamento no novo espaço público mediático.

Se há um ano alguém dissesse que uma pandemia poderia parar o mundo seria apelidado de louco. E o mais extraordinário é que há um ano ninguém ousaria pensar que poderíamos sobreviver a um ano assim! Mas sobrevivemos! Sobrevivemos à tragédia que foi o pior ano das nossas vidas.

A vida já não é o que era; nem vai voltar a ser!